AmM
918.11205
S469
Para

Selva

Uma revista da Amazônia para o Brasil

AmM
918.11205
S469

379

BIBLIOTECA PUBLICA

Selva

Uma revista da Amazônia para o Brasil

Nº 1 SETEMBRO 1946

Diretor-Redator-chefe - *PAULO BENTES*

Redatores { *José Potyguara*, *Alves de Menezes*, *A. C. Ferreira Reis*

ÍNDICE:

Pórtico

Waldo Frank - "O Amazonas"

Roberval Cardoso - "Em pleno coração da Amazônia um dos mais bélos teatros do mundo"

Abguar Bastos - "O homem do Acre"

A. C. Ferreira Reis - "As perspectivas do Amapá"

Paulo Bentes - "D. Francisco de Orellana, o aventureiro romântico"
(Ilustração de *Belmonte*)

Percy Lau - "Vaqueiro de Marajó"

José Potyguara - "Justiça de Seringueiro"

Theodoro Roosevelt - "Percorrendo o rio da Dúvida"

Barbosa Rodrigues - "A Tartaruga e o Gavião"

Alves de Menezes - "Acauã"

Mauro de Campos - "A Madeira Mamoré"

"Curiosidades do vale amazônico"

"Quer conhecer a Amazônia?"

Preço: **Cr$ 5,00**

Para qualquer consulta sobre a Amazônia queira dirigir-se a esta revista. Ela informará com prazer.

Endereço: AVENIDA ERASMO BRAGA, 80 - 8.º andar — Sala 818 — RIO

Tiragem verificada: 5.000 exemplares.

Pórtico

Os Estados do Amazonas e Pará e os Territórios Federais do Acre, Amapá, Guaporé e Rio Branco, integram a Planície Amazônica.

Cobrindo uma área superior a um terço de todo o território brasileiro e cortada pela rêde potamográfica mais vasta que existe no mundo, a Planície Amazônica é cheia de características próprias e interessantes e que nem todos os brasileiros, entretanto, conhecem.

Nenhuma região, no país, talvez tenha sido mais estudada do que essa. Nenhuma, porém, menos divulgada.

A Europa e a América, através gerações sucessivas, têm mandado o que possuem de mais alto nos seus círculos culturais, para estudá-la. Desde La Condamine e Humboldt, no século XVIII, até Hamilton Rice em nossos dias — passando por Bates, Wallace, Hartt, Orton e William James — Professores das mais célebres Universidades, Artistas, Nobres de Grande cultura, como os Príncipes Maximiliano de Wied Adalberto da Prússia e o Conde Ermano Stradelli (que abandonou seus castelos na Itália, fortuna e confôrto, para viver e morrer na Amazônia), Padres, Militares, enfim, o que o mundo científico tem tido de melhor, palmilhou a região estranha e singular. E, sôbre ela, todos escreveram: crônicas, memórias, estudos, artigos, monografias, ensaios...

Suas opiniões, unânimes no assombro diante da natureza, divergem quasi sempre sôbre detalhes; divergem quasi sempre sôbre o homem — exaltado por uns às maiores alturas, encarado por outros como simples acidente, muito cedo chegado que foi àquele mundo em formação.

Assim tem sido em todos os tempos a Amazônia: perquirida, investigada, estudada, porém, quasi tudo, o que sôbre ela tem sido escrito, limita-se, ainda, ao conhecimento de um pequeno grupo de eruditos.

Daí, o aparecimento de SELVA, que não será uma publicação de caráter científico; tampouco de exaltação, e, sim, uma Revista simples, divulgadora, apenas, das cousas, dos homens e dos acontecimentos que vêm marcando e marcam a vida da Planície.

O Teatro Amazonas visto de frente.

Em pleno coração da Amazônia um dos mais bélos Teatros do mundo.

(Roberval Cardoso)

A noite de Ano-Bom de 1896 assistiu a abertura de um dos mais bélos Teatros líricos do mundo: o Teatro Amazonas.

Encravado no coração da Hiléia, a 900 milhas do Atlantico, êsse monumento arquitetônico tem despertado até hoje, pela ousadia de

sua concepção, pela riqueza do seu acabamento e pelo valôr dos seus painéis o entusiasmo de todos que o tem visitado.

Sua construção mobilisou operários e artistas dos mais diversos centros industriais e culturais da época: barcos a véla pejados de peças de pedra de lioz, subiram o Rio-Mar, trazendo de Portugal lages, traves, capitéis, colunas exteriores e as telhas de barro vidrado que revestem o telhado; Carrara mandou os portais, as colunas e os rodapés do Salão Nobre; da França veio a estrutura de aço que sustenta as paredes mestras e a cúpula de 25 metros de vão, toda revestida de escamas de mosaico vidrado formando figuras geometricas que lembram o pavilhão nacional, bem como as estatuas que guarnecem os pateos e as areas ajardinadas; negros antilhanos aleitaram a pequena colina que serve de base ao edificio e, cavaram seus profundos alicerces; cavoqueiros pedreiros e talhadores de pedra, oriundos da Iberia e da Italia levantaram as paredes, emolduraram portas e janelas, olhos de ventilação e abriram no arenito vermelho de Manáus, milhares de balaustros que formam a amurada circundante do monumento; engenheiros britanicos montaram sua Central Elétrica e instalaram perfeita rêde de iluminação para todos os efeitos de luz.

Si é verdade que a situação do predio e o perfeito equilibrio de suas linhas classicas exteriores causam admiração, o interior deslumbra com o filigranado dos estúques, realisado por artifices francezes e italianos que chegaram a Manáus com as mãos ainda sujas de gêsso das decorações da Exposição Internacional de Paris, onde se empregou como novidade êsse processo decorativo; com os painéis murais e dos tetos da Sala de espetaculos e do Salão Nobre, executados por Domingos De Angelis, em alegorias do mais puro classico ou no magistral jogo de verdes que oferecem as paisagens de motivos regionais — todos emoldurados com essas grinaldas de rosas que somente De Angelis sabia transportar da paleta para a tela; os panos de boca são outras duas obras de arte pictorica, principalmente o de entre-ato, que, representando um opulento arrepanhado de cortinas de veludo e de rendas, constitui verdadeira joia em seus efeitos de côres e de sombras repousantes.

Resaltam ainda, pelo seu valor e pela perfeição dos detalhes as cariátides do procênio, os lustres de cristal de Veneza, os dunquerques do "foyer" que tanto se harmonizam com os caprichosos mosaicos do assoalho, feitos com 40 especies de madeira da região e, o grande candelabro de bronze lavrado, pendente do centro da Sala de Espetaculos. Essa peça de uma e meia tonelada de peso é um obra de arte digna de ser vista.

O vestibulo, obra recente de Olimpio de Menezes, artista Amazonense, fugindo ao estilo geral, é originalissimo e, as grandes paisagens que o guarnecem, com o recebimento de uma adequada iluminação, dão-nos, realmente, a concepção artistica almejada — "Um plenilúnio no Imperio das Águas Doces".

Visitando-se essa casa de espetaculos, construida numa época de fausto, de delirante prosperidade, tem-se a impressão de que, dentro de suas paredes ainda ressôam vozes que o Scala e a Grande Opera aplaudiram; os mascarões de pedra, impressionantes, aí esculpidos com tanta arte, parecem guardar também as expressões tragicas do maior interprete de Shakespeare — Giovani Emanuel — figura genial de Artista, mestre que foi de Zaconi e de Novelli; ha nos porões profundos e amplos os misterios de Fregoli e nos bastidores a lembrança dos transformismos desconcertantes de Fátima Miris, a delicadeza cênica de Leopoldo Fróes e Leonardo.

Companhias que funcionavam nos maiores e mais celebres teatros da Europa, atraidos por lucros compensadores, transportavam-se com seus riquissimos guarda-roupas, seus enormes cenarios, seus artistas de nomeada, suas orquestras admiraveis, compostas de mestres, à pequenina cidade de Manáus mal saída do seu provincianismo ingenuo para as galas e o conforto que a fortuna começava a proporcionar.

Iniciava-se a era da chamada "civilisação da goma elastica". O preço da borracha subia vertiginosamente. Acumulavam-se forturnas. Grandes e poderosas firmas comerciais constituiram-se. Tudo era vertiginoso, no seu crescimento. A cidade passava por uma total transformação. Construiam-se palacios suntuosos. A sociedade nascente, habituou-se rapidamente ao conforto observado nas sociedades requintadas das capitais europeias e procurava de todas as formas, transplantar para a cidade cosmopolita que surgia, o que havia de mais interessante nas velhas cidades daquele Continente. E assim, culminou essa epoca de desmedida prosperidade com a construção do Teatro Amazonas.

Seria imensa a lista dos grandes nomes que pisaram o seu palco, mas, bastará a citação do nome de Giovani Emanuel para que se possa avaliar o conceito que desfrutava nos centros artisticos da Europa, essa grande casa de espetaculos.

Nada foi poupado para que o Teatro fôsse o que efetivamente é: rico, bélo, imponente, cheio de preciosidades artisticas.

Assim é o Teatro Amazonas.

Avaliado hoje em cerca de 50 milhões de cruzeiros, afóra a sua pinacotéca, de valor in estimavel pelas suas raridades, é, incontestavelmente, uma das mais notaveis realizações de arte arquitetônica do Continente, capaz de por si só constituir, como constitue, motivação turistica.

Não houve exagero quando em sua História Social do Brasil, Pedro Calmon dissera que êsse Teatro era "digno da fantasia de um marajá em seu reino barbaro e farto". Por isso, é bem um orgulho da gente que o construiu naquelas distâncias, na demonstração do quanto pode a força da concepção humana, que aí lançou marcos de civilisação, com os maiores requintes de conforto e de arte, numa hora em que Manáus era, ainda, o recésso de um Mundo extranho e remoto, encravado em plena selva equatorial.

Salão Nobre do Teatro Amazonas (Manáus)

Praça da Saudade em Manáus. Ao centro a estatua de Tenreiro Aranha, fundador da Provincia do Amazonas

O homem do Acre.

Uma página de Abguar Bastos.

O homem do Acre, ainda que por processos diferentes, é igual ao homem da Califórnia. Um índice de civilização em terra feroz. Um primitivismo bárbaro no começo das suas relações sociais.

Acreano e californiano identificam-se melhor quando, no tumulto da terra, pregam, indelèvelmente, um sinal de humanidade. Quando, depois da luta terrível, podem dizer ao mundo: — Eis que demos um destino a esta solidão!

Para o boliviano, ex-dono do Acre, aquilo sempre fôra o deserto. Era o que êle chamava nos seus mapas de "terras não descobertas". Presumia-se que se tratava duma zona possuida pelos índios, pelos bichos e solitários aventureiros. Mas não havia nos caminhos nem um rasto de colonização.

Era o deserto. Contudo, alí nada havia de Saara, de Líbia, de Sibéria ou de Cariri. Havia, ao contrário, uma famosa mesopotâmia que se prolongava entre o Juruá e o Purús. Dentro dessas duas formidáveis bacias não havia reinos de argila sêca, nem seculares dunas. Repontavam, sim, dois impressionantes vales e um triângulo florestal de cento e cincoenta e dois mil quilômetros quadrados.

Contra o normaço que resseca, o calor que estorrica, e a fulguração que incendeia, desdobrava-se, do cotovêlo Purús-Acre ao cotovêlo Tarauáca-Juruá, todo um incansável processo de irrigação que, de leste ao oeste, levava humus e clorofila a tôdas as árvores.

Entretanto, para os civilizados do ocidente, era mesmo o deserto. Porque só os indios flutuavam nas margens dos seus rios e só os bichos vagavam pelas extensas e misteriosas paragens.

Quem é que poderia vencer suas léguas, devassar os seus rios, talar os seus pântanos?

Florestas que eram cordas, piques, torres, muralhas. Rios torrenciais. Lamas devoradoras e pestilentas. E por cima, pairando, exércitos de mosquitos acutilando e durrubando com seus arpões venenosos. Qual o transeunte que se aventuraria dormir nessas brenhas?

Na frente dessas leguas, como no deserto clássico, o sol não era o inimigo. Mas as moléstias subiam das miásmas e eram piores do que o raio. Entre o impaludismo e o beri-beri desfilavam fantasmas sem conta. Derreados nas carcassas das bestas ou debruçados nas proas dos barcos, êsses fantasmas eram portadores do pânico aos bolivianos do Orton e do Rapirrã. Haviam assaltado o deserto e agora voltavam,

sem outra história, que não fossem seus males inenarráveis e sem outra riqueza que não fossem os próprios ossos.

Os índios bolivianos espiavam e não trocavam seus muros do Beni ou do Madre de Dios pelas curiosidades do "outro lado".

De maneira que os rios do Acre continuavam desconhecidos e intransponíveis. Suas cabeceiras eram inapeláveis enigmas, como a do Javari que inutilizou várias cartas geográficas antes da sua revelação.

Os bolivianos, pois, não tinham pressa de arremeter além das "terras já descobertas", mesmo porque, até 1866, o Amazonas continuava fechado à navegação estrangeira e, sendo o Amazonas o escoadouro natural do Acre, não adiantava o Acre sem o caminho do Atlântico.

Foi no tempo em que a Bolívia esperava melhorar suas condições internas, a fim de enfrentar o problema do Acre, que o californiano do nordeste surgiu nas divisas e atravessou-as. Surgiu nas pégadas de alguns intrépidos exploradores que se haviam aventurado no Purus, no Iaco, no Tarauacá e no Juruá. Veio de improviso, como uma nuvem de gafanhotos. E andou para adiante, mal-entrouxado, barbado, cabeludo, apressado e praguejante.

Vinha do deserto clássico. Daquele que mata o bicho e o homem, a planta e a água. Os pés ainda sangravam das pedras. Cheiro de mar nas carnes ensolaradas. Marchava do estorricamento para o dilúvio. Do gnéis para o aluvião. Da sêde para o afogamento.

Dois desertos tremendamente antagônicos êsses donde vinha e para onde ia tão exquisito viajante!

O cearense e o Acre eram dois destinos ainda sem comunicação com a vida: o primeiro a procura duma terra que o recebesse, o segundo a procura dum povo que o tomasse. Ambos pareciam, providêncialmente, preparados para encontrar-se um dia. Ambos indesejáveis, soturnos, ásperos, trágicos. Ambos espancando das costas um deserto agressivo. Um carregado de filhos. Outro carregado de rios.

O rio Purús em plena cheia (Território do Acre).

Quadro típico do Interior Amazônico: Caboclos flexando peixe.

As perspectivas do Amapá.

A. C. Ferreira Reis.

O Território do Amapá, ao contrário de seus irmãos recem-criados, tem uma história política que vem dos tempos coloniais. Sua formação entronca no período de choques entre luso-brasileiros e irlandeses, inglêses e holandeses que porfiavam na conquista das terras e águas do espaço amazônico. Então, em paga a serviços prestados pelo muito que realizara nesse entrevero de consequências tão profundas para a formação da Amazônia, Felipe IV, criando a Capitania do Cabo do Norte, doou-a a Bento Maciel Parente. Ora, essa Capitania colonial é a raiz mais distante do atual Território do Amapá que só agora, depois de episódios heróicos para sua definitiva integração á soberania brasileira, passa a constituir unidade política que, logo após o laudo de Berna, deveria ter sido constituída pelo governo federal.

Seu perfil histórico tem características as mais interessantes. Seu perfil fisiográfico é, de outro lado, uma feição particular que o distingue, de certa maneira, ou destaca da unidade fisiográfica amazônica. Seu perfil sociológico e econômico, todavia, integra-se no grande retrato que conforma o facies humano e econômico da Amazônia, e de tal sorte essa integração que podemos mesmo afirmar que é um prolongamento, um trecho dêsse quadro que tanta tonalidade garante ao extremo-norte do Brasil.

Passando em revista as condições existenciais do Território, vamos encontrá-lo amarrado ao sistema de trabalho que não autoriza a liberdade integral do homem. Assim, o amapaense age, no tocante ao seu genero de vida, de acôrdo com o rigorismo regional, enfrentando a floresta e a água, onde coleta todos os gêneros econômicos que lhe garantem a subsistência. É certo que houve momentos em que essa atividade primária esteve desviada pelo "rush", do ouro; porém, isso teve pequena duração, não chegando a destruir os padrões de trabalho, de criação econômica que os amapaenses realizavam.

A administração atual do Território, enfrentando êsses imperativos, que são desconcer-

Alto do Monte Roraima.
Limite do Brasil com a Venezuela e Guiana Ingleza.

tantes, tenta, senão um desvio, pelo menos o aproveitamento do esforço dos amapaenses em atividades que lhes permitam uma direção menos rude. Assim, a criação de gado, que data, é certo, do período colonial, quando se montaram as primeiras fazendas, pode ser um dos elementos que assegurem um dos aspectos dessa orientação mais firme. Como a experiência agrária, empreendida mais uma vez, pode constituir outro desses aspectos de resistência e de reestruturação econômica.

Fala-se muito, no momento, na exploração do ferro, de jazidas recem descobertas e talvez vislumbradas, suspeitadas pelos franceses, que tanto se esforçaram por ter em suas mãos as áreas brasileiras que nos disputavam com um calor particular e suspeito. A exploração do minério, seguramente trará para o Território meios poderosos de vida. Não será, porém e isso é fácil de perceber-se, o fundamento de tôda a atividade criadora do homem do Amapá. Porque não o desviará dos outros misteres essenciais à vida. Não o distanciará da realidade que êle vinha criando. Ao contrário, há de fornecer-lhe as forças necessárias à execução de todos os planos que visem, com a valorização do Território, sua integração permanente ao campo sociológico, econômico e político do organismo brasileiro. A vivificação da fronteira, de que o Território do Amapá, é uma parte valiosa, terá, no aproveitamento do ferro, uma explêndida página de trabalho. E todo aquêle vasto plano de recuperação da Amazônia, de que o Território é igualmente uma parte das mais expressivas, passará a ser realmente uma demonstração de nossa capacidade, com rendimentos que o potencial local garante. As perspectivas do Amapá, evidentemente, são animadoras.

A contribuição que lhe trará a exploração do subsolo, a exploração dessas jazidas minerais, que tanto alarde vêm provocando, assegurando o clima de confiança que atualmente se verifica á volta do Territorio e da capacidade que êle expressa em elementos materiais para a sua elevação, seguramente valerá para o enriquecimento dessas perspectivas. O homem do Amapá, assim encorajado, assim consciente do que representa o seu campo de atividade, não representará mais aquele episodio de desânimo que, por vezes, marcou a historia da região. O sonho dos homens que, nos dias coloniais, tentaram a criação da Capitania do Cabo do Norte, está, evidentemente, em vias de ser uma realidade magnifica.

A COLABORAÇÃO DE BELMONTE.

SELVA sente-se honrada com a colaboração que lhe empresta o grande Artista patricio, BELMONTE. Muito agradável lhe é, portanto, fazer êste registro, indicativo, ao mesmo tempo, da acolhida que está merecendo dos nomes mais espressivos da Arte Nacional.

Don Francisco de Orellana, o aventureiro romântico.

Desenho de BELMONTE
Texto de PAULO BENTES

Don Francisco de Orellana era um espanhol de boa origem, natural de Trujillo. Vindo muito moço para as terras da América, na época em que os europeus iniciavam a sua conquista, aqui viveu e combateu os Incas, muito concorrendo com o seu braço e a sua espada para a destruição do velho império autóctone. Espírito aventureiro como todos os de sua raça, deu sempre mostras de grande coragem, enfrentando o perigo como cousa natural e sem consequências.

Foi Oficial ilustrado, governou Provincias, fundou às bordas do Pacífico a cidade de Santiago de Guaiaquil que também governou, e fêz parte, voluntáriamente, da célebre e heróica expedição de Gonçalo Pizarro, que pretendia descobrir o EL DORADO.

Destacando-se dessa expedição, que fôra uma sequência ininterrupta de sacrifícios; pretendendo encontrar solução para o problema da fome que vinham deparando os expedicionários (pois na travessia dos Andes as chuvas, as irupções vulcânicas, as doenças e o cansaço haviam desbaratado os rebanhos que traziam para abastecimento), Orellana iniciou uma nova e mais importante aventura: a da descoberta do rio Amazonas.

Antes dêle, porém, êsse rio já havia sido visitado.

Quarenta anos antes.

Cabral ainda não havia descoberto o Brasil — após a combinação havida entre êle e o astuto rei D. Manoel — o Amazonas já o havia sido.

Foi isso em Fevereiro de 1500.

Vicente Yanez Pinzon, homem de vastos recursos, afeito às cousas do mar e que havia sido companheiro de Colombo na viagem da descoberta do Con-

tinente, chegou a penetrar o desaguadouro do rio. Estupefacto pela massa formidável de águas que se lançava afoitamente no Oceano, deu-lhe o nome de Mar Dulce.

SANTA MARIA DEL MAR DULCE!

Visitara-lhe algumas ilhas. Fôra recebido pacíficamente pelos nativos curiosos e confiantes. Retirando-se, entretanto, cometeu um grave êrro. Aprisionou 36 índios, levando-os como escravos para a Espanha.

Logo após, um outro espanhol, Diogo de Lepe, aventurou-se a entrar também à foz do Amazonas, porém a indiada recen-ferida pela atitude de Pinzon, em represália matou-lhe alguns homens da tripulação.

Vieram outros ainda, tentando penetrar àquelas águas violentas que se atiravam no mar.

Diogo de Ordas, vindo de Sevilha e Luiz de Melo e Silva, português, tentaram o mesmo empreendimento. Houve naufrágios e sòmente com esfôrço conseguiram voltar à Europa, mal iniciadas que foram as tentativas.

Houve até alguns que nem chegaram a vir e foram dizer na Europa que haviam percorrido o rio caudaloso . . .

Dessa forma, sòmente em 1540, o rio Amazonas foi percorrido em quasi todo o seu curso. Percorrido por Francisco de Orellana!

Quando êsse homem de imaginação ardente começou a descer aquelas águas de impressionante amplitude, deu a elas, imediatamente, o seu nome, na satisfação de uma vaidade natural e justa.

Entendeu que soaria bem êsse nome: rio de Orellana!

Mal poderia supor que, ao percorrê-lo, seguindo o rumo ditado pela forte corrente fluvial, tão cedo iria encontrar motivo que o empolgasse a ponto de abdicar dessa vaidade, para prestar uma homenagem . . .

É que a descida vinha prosseguindo entrecortada de surprêsas e de lutas . . .

O índios não deixavam passar tranquilamente os instrusos brancos.

Certo dia, porém, os expedicionários tiveram de travar combate com uma tribo aguerrida e impetuosa. Era porém diferente . . . era uma tribo de mulheres. "Uma legião de bélas mulheres semi-nuas", que lutavam bravamente, com maior decisão que a dos próprios homens.

Os espanhois, cheios de espanto, não sabiam o que mais admirar: se a beleza ou o heroísmo; se a graça ou a decisão daquelas mulheres que matavam e morriam . . .

Ao aparecimento delas manejando com a mais absoluta segurança as armas que traziam gritos surgiram de todos os lados: AS AMAZONAS! AS AMAZONAS!

Eram bélas, vigorosas, decididas e fortes. Lutavam com ardor, dispostas a vencer. E assim, sòmente depois de algum tempo, quando muitos daqueles corpos femininos estavam sem vida, caidos pela margem do rio, cessou a luta, que fôra a mais impressionante e violenta, das muitas que os expedicionários entretiveram no decurso da viagem.

Antes da chegada de refôrços que certamente viriam contra êles, os espanhóis, exautos, trataram de prosseguir . . .

No pensamento de Orellana, entretanto, a imagem daquelas mulheres ficara. E ficara tão fortemente fixada que, resolveu, êle, num gesto de renúncia, mudar o nome do rio que navegava. Não teria mais, desde aquêle momento, o seu nome. Não seria mais o rio de Orellana e sim o rio das Amazonas . . .

Êsse rasgo de cavalheirismo, bem ibérico, marcou um momento e o nome definitivamente fixou-se para os séculos . . .

RIO AMAZONAS . . .

Comandando um pequeno grupo de patricios, estomeados e corajosos, Orellana durante a longa descida por sôbre aquelas águas, muito lutou e sofreu. A história da sua viagem é uma epopéia de sacrifícios e de heroísmo. Por isso o seu nome nunca será esquecido . . . o seu nome e o seu desprendimento . . .

DON FRANCISCO DE ORELLANA — empolgante figura a dêsse aventureiro romântico . . .

VAQUEIRO DE MARAJÓ
(de Percy Lau)

Cliché cedido pelo Conselho Nacional de Geografia.

Pequenos Quadros Amazônicos, em prosa e verso.

Por *João Maranhão.*

O REPIQUETE.

Dentre os fenômenos interessantes que nos oferece a região amazônica, destaca-se o *repiquete.* Trata-se de uma enchente brusca, e quasi sempre passageira, prenúncio de ordinário da enchente do rio.

Em plena vasante, quando as praias ostentam larguras verdes de milharais apendoados, êle, de súbito, aparece, arrasando a pequena lavoura que o caboclo ou o nordestino plantou sem nenhum esforço, abrindo os sulcos na areia para lançar a semente, com o dedo grande do pé.

Ao mesmo tempo, êsse fenômeno fluvial de projeção de volumes consideraveis ou não, e transitório, de águas nos rios e provindas de suas nascentes, ou de seus tributários, vem salvar as tripulações de lanchas e vapores que encalharam na barranca, onde os surpreendeu a vasante do rio. Demos, aqui, a palavra ao formidavel Euclides da Cunha, para melhor podermos sentir o quadro pitoresco que nos oferecem essas encalhações. " . . . e lá se ficam, longos mêses — esperando a outra enchente, ou o inesperado de um "repiquete" propicio, invernando paradoxalmente sob as soalheiras caniculares nas mais curiosas situações: ora em pleno rio, agarrados pelos centenares de braços das árvores sêcas, que as imobilizam; ora a meio da barranca, grosseiramente especados, encombentes, com as prôas afocinhando, inclinadas em riscos permanentes de queda; ora no alto de uma barreira, como autênticos navios fantasmas, aparecendo de improviso e surpreendedoramente em plena entrada da mata majestosa".

Agora tentarei esboçar, palidamente, em versos, o quadro tão brilhantemente descrito pela prosa fulgurante de Euclides da Cunha.

Tapéra

O REPIQUETE

Beijando o corpo nú das praias descobertas
e mordidas de um Sol causticante de estio,
Espumando, a correr entre as ribas desertas,
Desce, turvo e veloz, num "repiquete", o rio.

Desce, e as vagas se vão como fauces abertas
Dum felino que sofre os aguilhões do cio,
A rugir e a tragar as searas entreabertas
Que o caucheiro plantou sobre o solo bravio.

Benfazejo, tambem, êle é a grata esperança
Da nave que encalhou nas praias alvadias
E volve, no seu dorso, ao porto em segurança.

E, fator singular de dores e alegrias,
Peregrino êle espalha a procela e a bonança
Envoltas no lençol das águas erradias.

Justiça de Seringueiro

Conto de JOSÉ POTYGUARA. *Desenho de ARMANDO VEIGA.*

Era quasi noite quando Chico Machado voltou da mata. Gingando o enorme corpanzil em largas passadas, atravessou o terreiro, galgou de um pulo o soalho da barraca e despejou todas as tijelinhas do saco que trazia às costas. Depois, foi ao taperi do defumador, deslocou o buião, retirou a grande bacia do leite, amontoando tudo ao lado das tijelinhas.

Aquela arumação torturava a alma do caboclo. Visivelmente emocionado, a tristeza se estampava nas linhas severas de seu rosto crestado pelo sol.

Era a última noite que passava ali. Naquela pequena barraca vivera dez anos, desde que chegou ao seringal. No dia seguinte, embarcaria num *gaiola*, de regresso ao Ceará. O sonho acalentado pelo proverbial apêgo do cearense à terra natal ia, enfim, realizar-se. Apesar disso, como lhe custava abandonar, agora, tudo aquilo! A humilde barraquinha de palha, o taperi, os utensílios de trabalho, foram fieis companheiros de dez anos, testemunhas silenciosas das suas horas de luta, de isolamento e de tristeza, sobretudo depois que a morte lhe roubara sua querida Luzia, vitimada pelo terrível impaludismo.

O seu último dia de seringal! ... Ia mesmo deixar aquela selva que, a princípio, tanto o atomorizava e, agora, já lhe era tão familiar!... À proporção que lhe retemperava a fibra de autêntico nordestino, a natureza amazônica se deixava domar, revelando-lhe os seus segredos, desvendando-lhe os seus mistérios, descobrindo-lhe as suas riquezas.

Todo o dia fôra tomado pelos preparativos da viagem. Pela manhã, havia ido ao barracão — 3 horas distante dali — levar a pequena bagagem (algumas peças de roupa, a

rêde, o mosquiteiro) e a última péla de borracha — uma bonita esfera de 50 quilos, que encerrava brilhantemente a sua labuta de seringueiro trabalhador e honesto.

Voltando do barracão, estivera, pela última vez, na estrada do corte, a mesma trilha sinuosa e sombria que êle percorrera diàriamente, durante dez anos. Parando junto a cada seringueira, para recolher as tijelinhas, Chico Machado sofria a saudade daquelas árvores amigas; tinha ímpeto de abraçar-se àqueles troncos riscados pelo gume de sua faca, de cujas feridas escorrera generosamente todo o rico látex que lhe garantiu o sustento e ia, agora garantir-lhe o retôrno ao sertão do seu querido Ceará.

Dezoito contos de saldo, era quanto ia receber do patrão. Nunca vira tanto dinheiro. A não ser o seu inseparável cachimbo, não tinha vícios; não jogava, não bebia. Também não era dado a luxos. Trajava simplesmente; gostava de andar limpo e nada mais. "P'ra quê viuvo velho enfeitado?" — costumava dizer.

Tôda a sua economia visava um fim: educar a única filha, a Rosinha. E era isto o que mais concorria para apressar sua viagem. A filha era tudo para êle: estímulo, alegria, a razão de ser de sua vida. Trouxera-a do Ceará com 5 anos, apenas. Lembrava-se perfeitamente do pavor que lhe incutia a vida agreste no centro da mata, durante os primeiros tempos. Como ela arregalava os olhinhos, abraçada ao pescoço da mãe, quando, alta noite, alguma coruja ou o matinta-pereira sobrevoava a barraca, soltando pios estridentes e agoureiros.

Quando a mãe morreu, Rosinha completava dez anos. Na angústia dos últimos momentos, entre os delírios da febre alta, o instinto materno sobrepujou o sofrimento físico. Segurando a mão hercúlea do marido, os olhos cheios de lágrimas, ela recomendou:

— Chico . . . cuida da Rosinha; olha pela menina! O mundo é cheio de perigos . . .

Sepultada a espôsa, grande dificuldade logo surgiu. Obrigado a sair diàriamente para o tra-

Margem do Rio Negro (Amazonas)

Um aspecto de Belém do Pará.

balho, ficando fora de casa maior parte do tempo, com quem deixaria a criança?

Felizmente, Dona Marieta, a espôsa do patrão, gostava muito de Rosinha; era até sua madrinha de crisma. Prontificou-se a receber a afilhada, que assim passou a morar no barracão.

Ao pobre caboclo muito custou separar-se da filha. Era um segundo golpe do destino na ferida ainda aberta pela morte recente da espôsa. Enfim, não havia outro remédio. Conformava-se com a certeza de que, em companhia da madrinha, a menina estava bem e aproveitaria, estudando, praticando costura e bordado, prendas em que Dona Marieta era exímia.

Aos domingos, Chico Machado ia, infalivelmente, visitar a filha, saber como estava, se necessitava de alguma cousa.

Assim, decorreram mais cinco anos. Rosinha estava uma bonita moça, em pleno viço da puberdade. Chico Machado orgulhava-se, revendo na filha o retrato da sua inesquecível Luzia. Não saíra grande como êle. Tinha da mãe o mesmo porte delicado, os mesmos cabelos castanhos, abundantes e ondulados, a mesma doce expressão do olhar, — uns olhos escuros, um tanto cismadores. E, à medida que a filha se fazia mulher, o pai redobrava de cuidados. Apesar de confiar em Dona Marieta, quando vinha ao barracão não relaxava a vigilância, sempre atento para rechassar com energia a investida de quem quer que fôsse.

Certa vez, estando um *gaiola* no porto, o pessoal de bordo obteve permissão para improvisar um baile na sala do barracão. Tudo corria bem. A orquestra, composta de uma sanfona, um clarinete e dois violões, animava os pares. De fóra, sentado no trapiche, o cachimbo no canto da boca, Chico Machado apreciava a festa, sem tirar os olhos da filha, sentada entre a madrinha e outra moça.

A orquestra iniciou uma valsa. Um senhor bem trajado aproximou-se de Rosinha e, mesurosamente, deu-lhe o braço. Rosinha tinha permissão para dançar, mas só alí, na casa da madrinha. Em furdunços e forrós de seringueiros, nem era tola para por os pés.

Habituado às liberdades dos salões modernos, o cavalheiro enlaçou Rosinha, apertando-a de encontro ao peito, num verdadeiro abraço. Chico Machado não se conteve. Levantou-se, entrou na sala e, sem dizer palavra, ante a estupefação geral, puxou a filha pelo braço e foi sentá-la ao lado da madrinha.

Decepcionado, o cavalheiro teve ímpeto de tomar uma satisfação. Diante, porém, da massa agigantada do seringueiro, desistiu. Mas, o guarda-livros do seringal, conhecido como adulador, apressou-se a cochichar ao ouvido de Chico Machado:

— P'ra quê você fêz isso, homem de Deus?... Aquele é o proprietário do navio!

Aí, o caboclo perdeu a calma. No seu vozeirão grave e pausado, respondeu, bem alto:

— Não me interessa saber quem seja! Si é seu amigo, vá em casa e traga sua mulher p'ra dançar com êle. Com a filha dêste caboclo êle não dança mais!

Era assim o homem. Franco, leal, aparentemente manso; mas ninguém lhe tocasse na filha! Virava bicho, não media consequências.

Um "gaiola" tomando lenha.

* * *

Apesar da morosidade natural em todo *gaiola*, a viagem corria bem. O navio, muito pequeno, tinha poucas acomodações. Além dos camarotes da oficialidade, apenas dois, na pôpa, eram destinados a passageiros e já vinham ocupados por famílias que também iam para Belém.

Chico Machado não deu cavaco. Além de não suportar o calor, seria difícil acomodar o corpo gigantesco naqueles beliches. Êle e a filha dormiam mais à vontade em rêdes com mosquiteiros, no salão de refeições. Uma senhora pôs o camarote à disposição de Rosinha, quando quizesse trocar de roupa.

No porto de Manáos desembarcaram. O navio ia demorar um dia, descarregando borracha. Chico Machado aproveitou para mostrar a cidade à filha.

Rosinha aproveitou bem aquêle dia de primeiro contacto com a civilização. Passeou bastante, foi ao cinema, visitou algumas igrejas e o Teatro Amazonas. À noite, quando voltou para bordo, sentiu-se mal, com a garganta apertada e um pouco febril.

— Foi o sorvete que você tomou ao sair do cinema — disse logo o pai — Bem não queria eu que você tomasse aquilo!

O imediato do navio, possuindo alguma prática de farmácia, tinha uma pequena ambulância de medicamentos com que atendia à tripulação. Logo preparou a seringa e aplicou em Rosinha uma injeção antigripal. Muito prestativo, ponderando a inconveniência da dormida no salão aberto e exposto à ventilação, ofereceu o seu camarote. Por mais quatro dias, até chegarem ao fim da viagem, êle passaria a dormir no camarote vizinho, ocupado pelo primeiro maquinista.

A princípio, Chico Machado recusou. Diante, porém, da insistência e boa vontade do imediato, resolveu aceitar. Mas, por prudência, armou sua rêde no passadiço, bem defronte da porta do camarote.

No dia seguinte, Rosinha amanheceu sem febre. Persistia, porém, a tosse. Assíduo no tratamento, o imediato cumulava-a de gentilezas e cuidados. Além de injeções e xaropes, conseguiu com o despenseiro duas gemadas para a moça tomar na merenda e à noite.

Na véspera da chegada a Belém, à tardinha, o navio começou a atravessar a baía de Marajó. Rosinha, quasi restabelecida, ficou, muito tempo contemplando o empolgante panorâma do rio-mar, qual imenso lençol líquido, refulgindo aos raios do sol poente.

Com a mão sôbre o ombro da filha, Chico Machado tinha o pensamento longe, no seringal, na sua barraquinha. De repente, percebeu que Rosinha não tirava os olhos da torre de comando, que ficava por cima da proa. Guiado pelo olhar da filha, o instinto paterno logo compreendeu tudo: — de pé, junto à malagueta, o imediato dirigia o navio. Só então, notou que o oficial era ainda moço e aquêle uniforme branco com botões dourados emprestava-lhe certo ar de marcial elegância capaz de impressionar.

Nisto, tocou a sineta para o jantar. Por ser o último da viagem, o cardápio foi melhorado. Chico Machado comeu demais. Sentindo dor de cabeça, deitou-se mais cedo. Dormiu longo tempo e despertou, alta madrugada, ouvindo pancadas e uma voz que chamava:

— Senhor imediato . . . senhor imediato! . . . São 3 horas! Era um marinheiro, chamando o oficial para substituir o que estava de quarto. Seguiu-se um ruído de chave na fechadura. Mas a porta que se abriu não foi a do camarote do maquinista e sim o de Rosinha. Supondo que a filha quizesse chamá-lo, Chico Machado sentou-se na rêde e viu, através do mosquiteiro, um homem sair do camarote, esgueirar-se pelo corredor e subir a escada.

De um pulo, o caboclo alcançou a maçaneta da porta, empurrou-a com força e entrou no camarote. Muito pálida, a fisionomia traduzindo grande aflição, Rosinha estava sentada no beliche. Assim que viu o pai, começou a chorar. Com a intuição da experiência, Chico Machado compreendeu tudo. Sem dizer uma palavra, saiu do camarote como louco e subiu a escada.

O imediato havia mandado o marinheiro buscar uma caneca de café e estava só. Chico Machado segurou-o fortemente pela gola e disse, aproximando bem o rosto:

— Ah! bandido! . . . Abusaste da minha confiança! Vais ver quanto custa mexer com filha de homem! Ou casas com ela . . . ou com esta aqui! Escolhe! . . . — e desembainhou a enorme faca que tinha na cintura.

Trêmulo de mêdo, o imediato mal pôde implorar:

— Não me mate! Eu sou casado, mas, chegando em Belém, dou-lhe dez . . . vinte contos de réis.

Na escuridão da noite, os olhos do caboclo cintilaram de cólera. Parecia um jaguar enfurecido. Espumava, rosnando:

— Casado, heim, miserável? . . . E pensas que dinheiro algum paga a honra de minha filha? . . . Prepara-te para morrer, já!

E ergueu a faca. Mas, quando ia desferir o golpe, susteve o braço, refletindo; sorriu sarcàsticamente e disse:

— Não! Espera um pouco. Tú és tão bandido, tão covarde, que eu nem quero sujar minha *parnaíba* com o teu sangue podre!

E, como quem segura uma criança, carregou o oficial, levantou-o por cima da amurada e jogou no abismo das águas da Marajó.

Em seguida, foi acordar o comandante e disse:

— Vá tomar conta do seu navio, que está sem piloto!

— Sem piloto, em plena Marajó! . . . — exclamou o comandante, aflito. — E onde está o imediato?

— Si não era bom nadador, deve estar no fundo da baía. Joguei-o lá, agora mesmo.

E relatou todo o ocorrido. Depois de ouvi-lo, o comandante disse:

— Agora, estou no dever de prendê-lo e entregá-lo às autoridades, logo que chegarmos a Belém.

Chico Machado sorriu tristemente e disse:

— Agora . . . tudo é indiferente! Durante dez anos, trabalhei e economizei únicamente para dar a ela alguma instrução. Num só instante, foram-se dez anos de luta, de sacrifício, de sofrimento . . . Que me importa a cadeia? De que serve a liberdade sem alegria? . . .

— Mas, o senhor foi precipitado, castigando um crime com outro. Devia me comunicar o fato e eu tomaria providências. Não confia nas autoridades? Não crê na justiça? — perguntou o comandante.

O infeliz caboclo sorriu, desta vez com ironia, e respondeu:

— Justiça? . . . hum! Que jeito me dava a justiça? Botar aquêle bandido na cadeia? Não adiantava. Olhe, "seu" comandante, — honra de mulher é que nem vidro de espelho: rachou uma vez . . . nunca mais tem conserto! Justiça . . . já eu fiz!

Igarapé.

Acauã

Poema de Alves de Menezes.

Calmo, tristonho, silenciosamente,
o dia morre . . . O poente, em chamas, arde . . .
E tornando maior a tristeza que existe
nêsse fim melancólico da tarde,
de uma acauã — a ave saudosa e triste —
ouve-se o canto, repetidamente:

— a . . . cau . . . ã . . .

— a . . . cau . . . ã . . .

Em mim fica um quadro a êsse parecido:

Nas minhas horas de silêncio e calma
— horas de sonho e interiorização —
quantas vezes percebo, comovido,
um pôr-de-sol morrendo dentro dalma
e uma acauã contando: — o coração . . .

Casas flutuantes no interior Amazônico.

"Gaielas" — embarcações típicas da Amazônia.

Pratos Amazônicos.

A tartaruga é, incontestavelmente, a mais delicada iguaria da mesa Amazônica.

Apanhada nas praias que se formam por ocasião da vazante dos rios, ao tempo da desova; pescadas de anzol ou de frecha, sua carne é tenra e saborosissima.

Varios são os pratos feitos de tartaruga. Destacam-se: o *paxicá*, o *guizado*, o *saropatel*, o *picado* feito do filé e assado no próprio peito, a *farofa* no casco e ainda o *assado* que, ao tucupi (caldo de mandioca após um processo especial de preparo) é iguaria bastante apreciada.

Sua gordura, muito empregada, é superior á banha de porco ou aos oleos trivialmente empregados.

Em média uma tartaruga põe 100 ovos que, enterrados nas praias, são chocados pelo proprio sol.

A tartaruga da Amazônia (d'agua doce, portanto) não tem a rijeza nem a côr escura e repugnante da carne de tartaruga do mar. Por isso e pelo seu excelente sabôr é o que ha de mais apreciado na mesa amazônica.

Piracuí — "Farinha de peixe. Depois de secar bem a carne do pirarucú, tambaqui, pirapitinga, ao moquem, socam-na em pilão de madeira até reduzi-la a farinha. Tal processo faz conservar por muito tempo êsse alimento, próprio para a matalotagem dos viajantes, caçadores, pescadores. Facil de conduzir num pequeno jamaxi, o piracuí, é dos alimentos do indio o mais comum e sadio".

A secular igreja da cidade de Cametá (Pará)
São evidentes os sinais do tempo em sua fachada.

Uma página quasi lírica de Theodoro Roosevelt.

Entre 1913 e 1914 esteve na Amazônia, em viagem de estudos e pesquisas científicas, o ex-Presidente Theodoro Roosevelt, dos Estados Unidos. Em companhia do grande sertanista brasileiro, General Cândido Mariano da Silva Rondon, então Coronel de Engenharia, percorreu um rio desconhecido ainda, o Rio da Dúvida, hoje Rio Roosevelt, o qual descreveu com detalhes, num estilo agradável e sugestivo, rico de colorido e de vida.

Homem prático, pesquizador, conhecido no mundo inteiro como uma das expressões mais fortes e modelares do espírito anglo-saxão, Roosevelt, deixou-nos, entretanto, sôbre a Amazônia inúmeras páginas como a que hoje reproduzimos, páginas quasi líricas, evidenciadoras do entusiasmo de que ficou possuido e que superou o equilíbrio frio do cientista.

Percorrendo o Rio da Dúvida.

Minha canoa deslisava á frente das demais. O volume das águas facilitava as remadas, de vez que os tocos e troncos caídos permaneciam muito abaixo da superfície. Contudo, vez por outra, éramos impelidos na direção de ondas que denunciavam terríveis espeques de troncos

enterrados, ou de grossas raizes de árvores tombadas, quasi atravessando a correnteza. Nesses momentos, viam-se os músculos das costas e dos braços dos remadores se retezarem com a pressão de golpes acelerados, até que nos desviássemos do perigo. Se as árvores curvadas ou envolvidas pelo rio eram as espinhentas palmeiras "boritana", de fino estipe e amigas da umidade, apesar de mergulhadas, continuavam a exibir vigorosa vegetação, recurvando os troncos para cima, e mantendo a fronde agitada pelas águas em borbotões.

A nossa tarefa antemostrava-se muito interessante, por isso que não sòmente o rio quanto a região por êle banhada eram absolutamente desconhecidos do homem civilizado. A floresta soberba e estrançada, de ambos os lados do rio, semelhava uma parede verde. Cipós retorcidos e entrelaçados se dependuravam das bélas e majestosas árvores, como se fossem grossas cordas. Touças de epífitas invadiam os troncos mortos e as árvores. Algumas exibiam largas folhas, tal como orelhas de elefante(*). De quando em quando a brisa nos trazia o perfume suave das flores ribeirinhas. Não havia muitos pássaros, de maneira que a mata quasi sempre estava em silêncio; raramente se ouviam "pios" estranhos no fundo das selvas ou se avistava uma ou outra anhinga ou magoari.

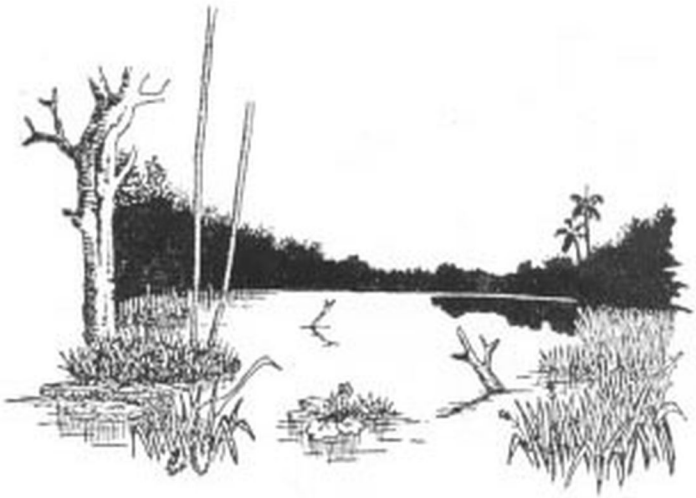
(*) Imbés, da família das aráceas. (Not. do trad.).

Minha canoa deslisou durante umas duas horas, apenas, e depois parou, aguardando as outras. Após mais duas horas de espera, não aparecendo os companheiros, resolvemos desembarcar e armar nosso acampamento num local em que a barranca se erguia abrupta com trinta metros de altura, limitando um trato de terra plana. As canoas foram amarradas em troncos de árvores. Os camaradas fizeram um roçado no local, para onde trouxeram a bagagem; armaram as barracas e acenderam um fogo. A mata estava silente. Notavam-se alguns trilhos de anta, porém já bem antigos Antes de noite fechada, chegaram os companheiros que faziam a medição. Havia piuns e carapanãs.

À noite apareceram alguns mosquitos, porém em número tão reduzido que não chegaram pròpriamente a incomodar.

As indefectíveis abelhas pequeninas e de agradável perfume revoavam sôbre nossas faces e nossas mãos, enquanto havia claridade; eram tão mansas e inofensivas que eu não tinha coragem de enxotá-las. Mais tarde, porém, se transformaram em sério contratempo.

A chuva vinha caindo com intervalos, em pancadas, e o céu se mostrava ameaçador, porèm, ao anoitecer, melhorou. As estrelas apareceram brilhando e, no ocidente, surgiu a lua nova. Foi uma noite esplêndida e fresca e dormimos admiràvelmente.



A Tartaruga e o Gavião.

Barbosa Rodrigues.

Contam que, nos tempos primitivos, uma tartaruga matara um gavião, que deixou mulher e um filho pequeno. Sempre que o filho ia caçar camaleões, achava penas de pássaros. Chegando em casa perguntou à sua mãe:

— De quem são as penas que acho sempre no mato, quando vou caçar?

— Meu filho, são de teu pai, que morreu.

A Rainha da Selva.

Calou-se êle e concentrou-se. Cresceu e estava quasi moço.

Um dia foi caçar e encontrou umas tartaruguinhas. Estas disseram-lhe:

— Vamo-nos banhar?

Êle disse:

— Vamos.

Dizem que se banharam e no banho, êle queria pegá-las com as unhas. Elas então disseram-lhe:

— Por isso minha avó matou teu pai.

— Agora sei quem verdadeiramente matou meu pai.

Cresceu e, quando já grande, disse:

— Vou experimentar minhas fôrças.

Dizem que experimentou-as no grêlo do meriti. Chegou e meteu as unhas para o arrancar. Experimentou, puxou e não o arrancou. Disse:

— Não tenho ainda fôrças.

Foi outra vez experimentá-las. Então arrancou o grêlo e disse:

— Agora já tenho fôrça. Agora vou deveras vingar meu defunto pai. Esperarei a saída da avó das tartarugas.

Dizem que um dia aquela espalhou paricá em cima de um esteira. Houve depois chuva com vento, e ela disse às netas:

— Vocês vão ajuntar para recolher da chuva o paricá.

As tartaruguinhas não foram, por ser aquêle pesado, e porisso chamaram:

— Minha avó, venha ajudar-nos.

A avó saiu e foi ajudar as netas.

O gavião estava vigiando e, vendo-a sair, saltou-lhe em cima e a carregou para um galho de piquiá.

Então a velha tartaruga disse ao gavião:

— Como vou morrer agora, manda chamar teus parentes para que venham me ver morrer.

Vieram, então, todos os parentes do gavião. Chegaram todos os pássaros e ajudaram a mátar a velha tartaruga. Os pássaros que a mataram ficaram sarapintados. Outros ficaram vermelhos. Aquêles que beliscaram o casco ficaram com o bico preto; outros que beliscaram o fígado ficaram verdes.

Assim acabaram as tartarugas assassinas; assim se acabaram.

Desde então os pássaros ficaram pintados.

Termos regionais da Amazônia.

Jamaxi — Utensilio de cipó usado pelos indios e pelos seringueiros para transporte de bagagem, borracha e mercadoria. Assemelha-se a uma cêsta quasi retangular, cujo fundo achatado se adapta às costas do homem. É preso por duas correias ou faixas de pano forte, cruzadas sobre o peito e denominadas *arreatas*. Num jamaxi pode-se conduzir até 80 quilos de carga, conforme a força do carregador.

Perianã — Toiça de capim que o rio arranca das margens e carrega na correnteza.

Capiliú — Planta que tem cheiro de peixe. Caá, mato; pitiú, cheiro de peixe.

Embiára — Caça pequena, seja ave, quadrupede ou quelônio. Tucano, papagaio, arára, jacamim, inambú, cotia, paca, jaboti, são *embiáras*.

Manipuéra — Caldo de mandioca. Tucupi antes de cozido ao sol ou ao fogo. É um toxico terrivel.

Boca-da-noite — Ocaso. Pôr-de-sol.

Sernambi — Nome que atualmente se dá na Amazonia á borracha que não é defumada. Resto de seringa. Tipo inferior de goma elastica.

Cuira — Impaciente. Inquieto. Desejoso de ver uma pessôa ou obter alguma cousa.

Assaizeiros.

A Amazônia conserva até hoje o prestigio de certos mundos remotos, cuja simples evocação é um estimulo para a fantasia. Sua realidade não nos parece ainda bem presente e a sedução particular que ela exerce sobre muitos espiritos aproxima-se das terras de sonho e de lenda.

Existe um estilo especial para falar sobre êsse mundo fabuloso, uma prosa semibárbara, cheia de exclamações, de *staccatos*, de nomes próprios e de termos cientificos, que o exemplo ilustre de Euclides da Cunha parece ter consagrado.

Sergio Buarque de Holanda.

Séde da Administração do Porto do Pará.

Curiosidades do Vale Amazônico.

Você sabia que:

— *a Bacia Amazônica abrange mais da metade do território Brasileiro?*

— *dos 19 portos organizados do Brasil o de Manáus é o 4° em número de armazens? Antes dêle apenas estão: o de Santos com 59; Imbituba com 28 e Rio de Janeiro com 25.*

— *a distância navegável do Rio de Janeiro a Manáus é igual à de Manáus à Capital do Território do Acre?*

— *o Rio Amazonas tem aproximadamente 6.000 quilômetros de extensão?*

— *o porto de Belém do Pará é o 6° do Brasil em extensão de cais, com 1860 metros?*

— *a estrada de ferro de Bragança (no Pará) tem 376 quilômetros de extensão?*

— *a Amazônia limita-se com 7 dos 12 paizes da América do Sul?*

LAMPORT & HOLT LINE LIMITED

Serviço regular de paquetes de carga
entre
AMAZÔNIA
e
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

—

Agentes: BELÉM DO PARÁ
Manáus
J. Dias Paes & Cia. Ltda.

—

LAMPORT & HOLT LINE LIMITED
Rua Araujo Porto Alegre, 56 — s/loja
— Telefone 42-4156 —
RIO DE JANEIRO

A Madeira-Mamoré.

Mauro de Campos.

Quem quer que tenha estudado um pouco de corografia do Brasil sabe existir, no extremo norte, uma estrada de ferro que, contornando as cachoeiras do rio Madeira, liga a Bolívia ao Brasil.

É do conhecimento geral que essa ferrovia foi por nós construida em cumprimento às clausulas do Tratado de Petrópolis. Mas nem todos sabem a soma de dificuldades que essa realização acarretou aos seus construtores.

Aberta a concurrência, em 12 de maio de 1905, na administração Rodrigues Alves, o contrato para a construção só foi assinado em 14 de novembro do ano seguinte, ao expirar o quadriênio daquele presidente, e isto graças ao esfôrço do Barão do Rio Branco, sempre atento em zelar pelo bom nome do Brasil, que, no Tratado de Petrópolis, renovara o antigo compromisso assumido para com a Bolívia desde março de 1867.

Na concurrência saiu vitoriosa a proposta do engenheiro Joaquim Catramby, técnico amazônico de incontestavel valor e um estudioso dos vitais problemas do setentrião brasileiro.

Vencida a etapa burocrática da assinatura do contrato, surgiu ao contratante o sério problema do financiamento de tão custosa obra. Não faltaram propostas de capitalistas estrangeiros: Bucana, delegado dos Estados Unidos no Congresso Pan-Americano, então reunido no Rio de Janeiro; White & Cia., de Londres; e também importantes firmas francesas manifestaram interesse pela organização da emprêsa. Pesando a responsabilidade que acabava de assumir, não só pelo vulto e a importância da obra, como, sobretudo, pelo ambiente de descrença decorrente do insucesso das anteriores tentativas para realizá-la. Catramby não se comprometeu com ninguem e embarcou resolutamente para Londres.

Ali, viu fracassar a primeira tentativa, perante a firma White & Cia., por não lhe ser possivel atender às exigencias dos citados banqueiros, no sentido da alteração de certas clausulas do contrato, para maior garantia do capital a ser invertido.

O primeiro revês não arrefeceu o ânimo do denodado engenheiro, cujo propósito de ligar seu nome à Madeira-Mamoré constituia velho sonho por êle acalentado com a tenacidade de um verdadeiro patriota.

Fazendo ótimas relações em Londres, Joaquim Catramby veio a conhecer os grandes banqueiros Alexandre Henderson e Wiltman Pearson, os quais manifestaram muito interesse pela construção da estrada.

Ultimadas as negociações, um importante sindicato seria organizado e a participação daqueles milionários valeria, por certo, como garantia do êxito do empreendimento. A par do sólido conceito que desfrutavam nos circulos financeiros da Europa, Henderson era chefe da importante firma Greenwood & Cia., e Pearson, grande industrial e chefe da mais conceituada construtora do mundo, a emprêsa Pearson & Cia., cujo nome estava ligado à construção do porto de Dover.

A despeito de tantos fatores favoraveis, fracassou mais essa tentativa. Para firmarem o contrato, os banqueiros impuzeram uma condição que, embora justa, não pôde ser aceita pelo engenheiro brasileiro, resolvido a realizar até o fim a obra gigantesca: queriam os financiadores lhes fôsse assegurado o direito de abandonar o negócio, caso surgissem os mesmos motivos dos insucessos das emprêsas que haviam já tentado construir a estrada. Esses motivos eram as epidemias, as febres palustres, responsaveis pelos milhares de mortes verificadas entre os operários.

O progresso da região amazônica era, assim, estorvado pela inclemência da própria natureza selvagem, inhóspita, apavorante.

Em compensação, a luta e os reveses sofridos estimulavam a tenacidade de Joaquim Catramby. Lamentando embora, não lhe ter sido possivel realizar o negócio com as emprêsas inglesas, de quem, aliás, recebera as mais inequivocas demonstrações de bôa vontade, Catramby resolveu aceitar a proposta do sr. Percival Farqhuar, milionário americano dotado de invulgar capacidade de trabalho, um homem dinâmico, verdadeiro tipo do *"business man"*, a cuja competência estava já confiada a direção da companhia *Port of Pará*.

E foi assim, após tão longa odisséia, que, a 6 de março de 1907, Catramby viu vitorioso seu esfôrço e conseguiu assinar o contrato para a construção da importante ferrovia que, concretizando o cumprimento da palavra do Brasil, pela voz de Rio Branco, constitue, hoje, a mais importante via de exportação da riqueza boliviana

Quer conhecer a Amazônia?

Procure lêr:

Araujo Lima — "Amazônia — a terra e o homem".
Euclides da Cunha — "A margem da história".
Raimundo Moraes — "Na planície amazônica,'.
Aurelio Pinheiro — "Á margem do Amazonas".
Craveiro Costa — "A conquista do deserto ocidental".
Tavares Bastos — "O vale do Amazonas".
João Lucio de Azevedo — "Os jesuitas no Grão-Pará".
Caetano da Silva — "L'Oyapoc et l'Amazone".
Santa Rosa — 'História do Rio Amazonas".
Silva Coutinho — "As epidemias no Vale do Amazonas".
José Verissimo — "Cênas da Vida Amazônica".
Barão de Sant'Ana Nery — "O país das Amazonas".
Conego Francisco Bernardino de Souza — "Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas" (1873).
Henri Coudreau — "Estudes sur les Goyanes et L'Amazonie" (1886).
Padre Cristovão d'Acuña — "Novo descobrimento do Rio dos Amazonas".

Na baia do Rio Negro (Manáus).

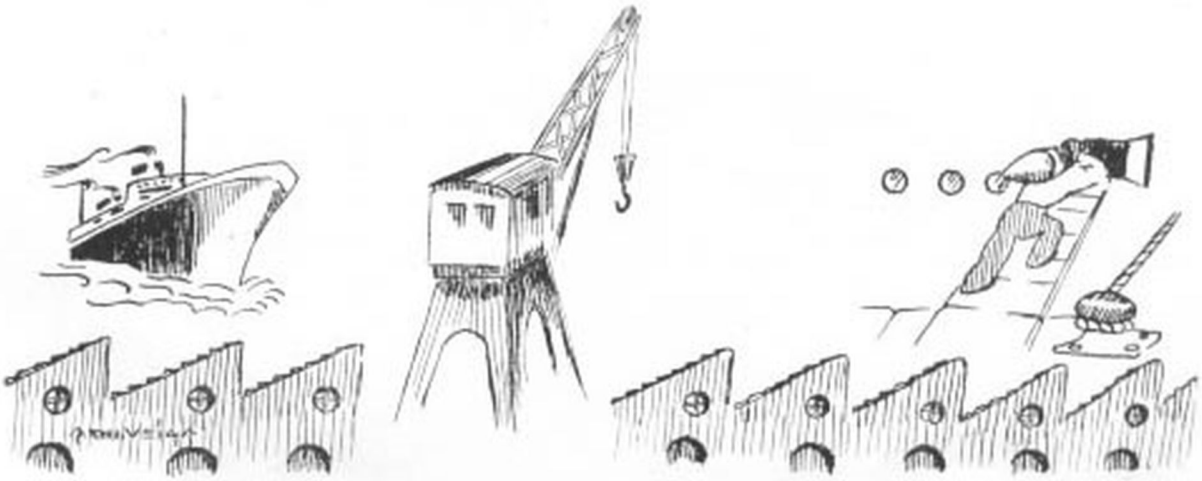
UMA GRANDE INSTITUIÇÃO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL

O NOTAVEL DESENVOLVIMENTO DO I. A. P. E. T. C. SOB A PRESIDÊNCIA HILTON SANTOS.

Aumento de benefício aos associados — Criação de novas e melhores — condições de vida aos empregados em transportes e cargas. —

O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, ao qual foi, ha pouco, incorporado o Instituto da Estiva, é uma organização de caráter assistencial, das mais importantes do país. Das mais importantes e tambem das que maiores benefícios tem concedido aos seus associados. Ultimamente, seu desenvolvimento tem se evidenciado, em todos os serviços de caráter interno e externo; na estruturação do seu funcionalismo; ampliando-se o seu setôr esportivo; multiplicando-se o número de constuções; criando sua Biblioteca; difundindo enormemente suas publicações periodicas, independente da construção de um grande hospital e da realização, ha pouco, do 1.º Congresso Sindical dos Trabalhadores em Transportes e Cargas.

Todos os seus setôres têm experimentado ultimamente os efeitos de uma administração progressista e bem orientada que, vem atraindo para o Instituto a admiração e os aplausos de todo o país.



MERECEMOS A CONFIANÇA DESTAS FIRMAS:

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO
S/A FÁBRICAS ORION
CIA. QUÍMICA RHODIA BRASILEIRA
S/A YOUNG (ÓLEO PENNZOIL)
LABORATÓRIOS LYSOFORM S/A
INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MEIAS S/A
VALISÈRE S/A
EMPRESA BRASILEIRA DE RELÓGIOS (RELÓGIOS ESKA)
INDÚSTRIA E COMÉRCIO ASSUMPSÃO S/A (RADIOS LINCOLN)
EDITORA COMERCIAL LTDA. (DIGESTO ECONÔMICO)
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE S. PAULO
PERFUMARIA SAN-DAR
COMPANHIA VINÍCOLA E AGRÍCOLA SÃO ROQUE (VERMOUTH GANCIA)
ARMAÇÕES DE AÇO PROBEL LTDA.
ALBERTO AMARAL & CIA. LTDA.
RÊDES ESTADUAIS AÉREAS LTDA. (REAL)
LIGHT AND POWER
COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA
CASAS MOUSSELINE
CASA LÚ — MODAS
ISNARD & CIA. (SÃO PAULO)
I. ISNARD & CIA.
VITRAIS CONRADO SORGENITCH
CASA DA BORRACHA LTDA.
ERNESTO P. SOARES
FIGUEIRÔA — MODAS ESPORTIVAS
CIA. BRASILEIRA DE ALUMÍNIO
CIA. NITROQUÍMICA BRASILEIR
BANCO SUL-AMERICANO DO BRASIL
TRUSSARDI S/A
CASA FACHADA
CASTRO RIBEIRO AGRO-INDUSTRIAL (EXTRATO DE TOMATE CRAI)
SOCIEDADE ELETRO-MERCANTIL PAULISTA LTDA.

PANAM PROPAGANDA LTDA.

SÃO PAULO
BARÃO DE ITAPETININGA, 297-6.°
TELEFONES: 4-4623 e 6-2098

RIO DE JANEIRO
AV. BEIRA MAR, 262-7.° - SALA 703
TELEFONE 22-3047

Embauba

("Cecropia")

É talvez a árvore mais conhecida na Amazônia. Dela existem doze qualidades no vale. Da fóz do Xingú para cima é a terceira manifestação vegetal na terra das margens. A primeira é a graminea, canarana ou morí, a segunda a ourana, e a terceira a embauba. De porte médio, seus galhos e troncos parecem barrados a cal. As folhas, branco-gêsso por baixo e verde por cima, lembram, umas, trevos e outras, estrelas. É o vegetal, até agora conhecido na Amazônia, que dá maior rendimento de pasta de celulose para aplicação no papel. As formigas de fogo gostam dela. O tronco dá estopa e carvão. Do carvão faz-se polvora. Os pássaros comem-lhe as flores e os indios os frutos É conhecida tambem por "árvore da trombeta", em virtude dos instrumentos de música que o aborigene faz dos seus galhos.

(Do "Meu Dicionario de Cousas da Amazônia" de Raimundo Moraes).

MOINHO INGLEZ

RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS: RUA DA QUITANDA, 108-110
TELEFONE 23-2130

MOINHOS DE TRIGO E FÁBRICAS DE TECIDOS:
AVENIDA RODRIGUES ALVES (Cáis do Pôrto)
TELEFONE 43-2910

CAIXAS POSTAIS 486 - 740
TELEGRAMAS: "EPIDERMIS" - RIO

FARINHAS E RESÍDUOS DE TRIGO
TECIDOS DE ALGODÃO
FIOS - LONAS - ENCERADOS

CREME DE MILHO

«LUX»

Em pacotes de celofane
de 1 quilo e ½ quilo

O ALIMENTO PERFEITO PARA
CRIANÇAS E ADULTOS

PRODUTO MUITO IMITADO
MAS NUNCA IGUALADO

PRODUTO DO

MOINHO DA LUZ

Exija do seu fornecedor
A MARCA

«LUX»

MOINHO FLUMINENSE S. A.

Matriz: RIO DE JANEIRO

PRODUÇÃO DIÁRIA: 25.200 Sacos

Moinho no Rio de Janeiro,
que está elevando sua produção diária de
700 para 850 toneladas.

Moinho e Armazens em São Paulo,
cuja produção diária de 170 toneladas está sendo
aumentada para 400 toneladas.

Moinho em Barra Mansa,
cuja produção diária de 100 toneladas vai ser
elevada a 150 toneladas.

PRODUTOS DE FAMA:

OFICINAS GRÁFICAS "ARTE MODERNA", AV. MEM DE SÁ, 216 - RIO

Da fôrça dos arados advem a grandesa e a prosperidade das Nações.

A CAIXA DE CRÉDITO COOPERATIVO é a organização, de caráter oficial, onde os produtores, associados em cooperativas, poderão obter os recursos necessários ao desenvolvimento de suas atividadas. Depositando vossas economias nesse grande Instituto de Crédito, alem de obterdes taxas remuneradoras e absoluta segurança, pela garantia do Governo Federal, estareis concorrendo para a expansão agrícola do Brasil e, consequentemente, para o barateamento da vida e para vosso próprio bem estar, pois os recursos da Caixa se destinam exclusivamente ao incremento da produção sob todos os aspectos.

Depositai, pois, na CAIXA DE CRÉDITO COOPERATIVO

Depósitos limitados :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::	5%
Depósitos sem limite :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::	4%
Depósitos a praso fixo — 6 mêses :: :: :: :: :: :: :: :: ::	5,5%
12 mêses :: :: :: :: :: :: :: :: ::	6%
Depósitos em garantia de contratos :: :: :: :: :: :: :: :: ::	4%

COBRANÇA — TRANSFERÊNCIA DE FUNDOS
CUSTODIA DE TÍTULOS E VALORES

COM GARANTIA DO GOVERNO FEDERAL

CAPITAL Cr$ 300.000.000,00

SÊDE: Rio de Janeiro - Rua México, 128-B
AGÊNCIAS: São Paulo à Rua 7 de Abril, 179 e em Porto Alegre à Rua 7 de Setembro, 1100

POR si só o balanço do garoto não se movimenta. Cabe ao Senhor imprimir-lhe o primeiro impulso. Faça o mesmo com a vida futura de seu filho, dando-lhe no presente o impulso decisivo. Adquira, para êle, títulos da Prudencia Capitalização. Êsse impulso inicial, benéfico, agirá pelo tempo a fóra, consolidando-se em reservas para amparo seguro da vida de seu filho.

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

★ COMPANHIA NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA ★

PANAM. — Cos de Amigos

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura